

Protestantismo, dogmatismo e modernidade: releituras a partir de Rubem Alves

Protestantism, dogmatism and modernity: readings from Rubem Alves

Daniilo Mendes¹

daniilo.smendes@hotmail.com

Resumo: A vida e a obra de Rubem Alves são claramente marcadas pelos encontros, mas sobretudo, com os desencontros dele com o protestantismo. Este fato comprova-se nas diversas obras em que este movimento cristão é centro: seja como referencial teórico para uma nova linguagem humanista, em fundamentalismos contemporâneos por ele analisados, seja como berço de um brinquedo chamado Teologia. Em meio a estas e outras obras, as leituras de Alves sobre o significado que o protestantismo e a reforma têm para hoje revelam-se extremamente profícuas e necessárias. O objetivo deste texto é explicitar tais leituras, sintetizá-las e considerar como as leituras de Rubem Alves contribuem para as análises do protestantismo brasileiro, sobretudo ao relacioná-lo com a epistemologia científica moderna.

Palavras-chave: Modernidade; Rubem Alves; Protestantismo; Protestantismo brasileiro.

Abstract: The life and work of Rubem Alves are clearly marked by the agreements, but above all, by his disagreements with Protestantism. This fact can be seen in various works in which this christian movement is central: either as a theoretical reference for a new humanistic language, or in contemporary fundamentalisms analyzed by it, or as the cradle of a toy called Theology. In the midst of these and other works, Alves's readings on the meaning that Protestantism and the reform have for today prove extremely fruitful and necessary. The purpose of this text is to explain such readings, to synthesize them and to consider how the readings of Rubem Alves contribute to the analysis of Brazilian Protestantism, especially when relating it to modern scientific epistemology.

Keywords: Modernity; Rubem Alves; Protestantism; Brazilian Protestantism.

Introdução

Ao longo de sua obra, Rubem Alves trata sobre uma grande diversidade de temas e dentre eles o mais recorrente é a religião. No início de sua jornada, este tema era em Alves explícito², mas aos poucos foi transformado em pressuposto diante de outras

¹ Mestrando em Ciência da religião na Universidade Federal de Juiz de Fora, bacharel em Teologia pela FABAT-RJ, bolsista Capes.

² Como indica a proposta de periodização de Antônio Vidal Nunes (2007, p. 15-32).

preocupações do autor, especialmente a educação e a literatura. Todavia, a parte inicial de sua vasta obra é profícua em analisar diversas questões que envolvem a religião e seus fenômenos, sobretudo o protestantismo. Tais análises vão desde uma crítica à linguagem moderna que sustenta o tecnologismo e a teologia³ até o diálogo com os mestres da suspeita⁴, passando por análises sobre do protestantismo atual e os fenômenos fundamentalistas que o cercam⁵. Aqui, então, busca-se analisar de que forma Rubem Alves interpreta o protestantismo como fenômeno ligado à epistemologia moderna, principalmente a medida em que ele compara e contrasta suas leituras do protestantismo brasileiro atual e as reformas protestantes.

Desta forma, começaremos pela indicação das interpretações que o autor faz do protestantismo, seguida de uma síntese destas diversas interpretações e, por fim, breves considerações sobre como a crítica de Alves ao protestantismo brasileiro pode ser percebida como crítica à epistemologia moderna que fundamenta tal protestantismo.

Apesar da aproximação do texto com um relato biográfico, o ensaio "Do Paraíso ao Deserto" em *O enigma da Religião* (1975, p. 115-37) Rubem Alves já aponta para algumas leituras do protestantismo caracterizando-o, sobretudo, como potencialmente fundamentalista. Entretanto, a bibliografia levantada por Cervantes-Ortiz (2005, p. 229-45) indica artigos bem anteriores que já tratavam diretamente sobre o protestantismo: "The devotional life of brazillian protestantism" (1956); "El protestantismo como una forma de colonialismo" (1968); "Protestante sem comunidade" (1974); "Protestantismo contemporâneo" (1974); além dos ensaios republicados em *Dogmatismo e Tolerância*: "O protestantismo latino-americano: sua função ideológica e possibilidades utópicas" e "Há algum futuro para o protestantismo na América Latina?", ambos de 1970 (CERVANTES-ORTIZ, 2005, p. 233-4)

Mesmo com esta vasta produção sobre o tema, a primeira sistematização que Alves faz sobre o protestantismo à procura de um "espírito" dele encontra-se em *Protestantismo e Repressão*. Principalmente no intuito de relacionar as Reformas com a forma

³Em *Da Esperança* (1987), *A gestação do futuro* (1986) e *Variações sobre a vida e a morte* (1981 [2005]).

⁴Sobretudo em *O enigma da religião* (1975) e *O suspiro dos oprimidos* (1984 [1999]).

⁵Em *Protestantismo e Repressão* (1979), republicado como *Religião e Repressão* (2005), e *Dogmatismo e tolerância* (1982 [2004]).

com que se encontra o tipo ideal estudado na obra, o Protestantismo de Reta Doutrina (PRD), Alves levanta algumas hipóteses acerca deste espírito. Seguir-se-á, então, a estrutura de leitura do primeiro capítulo desta, intitulado "O protestantismo: medieval ou moderno"⁶, explicitando as hipóteses e seus debates, acrescidos de leituras paralelas de outras obras do autor. Nas palavras de Alves, o objetivo de seu estudo, em *Protestantismo e Repressão* é "descrever os grandes temas do discurso protestante, sua visão de mundo, sua compreensão do homem, sua teoria do conhecimento" (2005a, p. 47).

O protestantismo sobre si mesmo

Alves começa descrevendo a leitura que o protestantismo tem de si próprio: "O protestantismo se entende como o espírito da liberdade, da democracia, da modernidade e do progresso" (2005a, p. 48.). Para Alves, a linguagem protestante só tem sentido quando comparada com a linguagem do catolicismo, isto é, todas as suas posições são em relação a este - geralmente contra. Ao tratar dos "inimigos do protestantismo" (ALVES, 2005a, p. 285-318), por exemplo, Alves mostra como a existência da linguagem protestante depende da linguagem católica, no sentido de fazer-lhe oposição, pois ela é considerada um de seus maiores inimigos. Só quando isto é percebido que, para o autor, o protestantismo tem sua leitura sobre si mesmo: o catolicismo é o passado da história, enquanto o protestantismo é o futuro (ALVES, 2005a, p. 49). Em outras palavras, enquanto o catolicismo é retrógrado, apontando para uma "idade das trevas" medieval, o protestantismo aponta para a liberdade (a obsessão de Lutero, nas palavras de Alves), aponta para um novo mundo: a modernidade.

Assim, em contraposição à justificação pelas obras, ideia católica, a Reforma pregava, em Lutero, a justificação pela graça: "A lei perde sua aura sagrada. O homem está livre para quebrá-la" (ALVES, 2005a, p. 50). Assim, é a ideologia por trás das Reformas, nesta leitura, que impulsiona a modernidade. Explicando como Hegel enxerga este movimento, Alves diz: "É evidente que Hegel vê na Reforma a precursora do espírito do Iluminismo e do espírito de sua própria filosofia. [...] Na verdade, a confiança dos filósofos do Iluminismo na racionalidade dos homens [...] parece uma versão secularizada da doutrina do sacerdócio universal dos crentes" (ALVES, 2005a, p. 51). Alves

⁶ Será utilizada a edição de 2005 sob o título *Religião e Repressão*.

avança aprofundando esta leitura, mas agora o faz a partir de Tillich. O princípio protestante, para este autor, tem a ver com um juízo de toda instituição que se quer absoluta, como era a igreja católica do início das reformas. Desta forma, tal princípio parece ser um mediador crítico entre os protestantes e a realidade, posicionando-se contra o que é finito ser tomado como incondicional (TILLICH, 2005a, p. 163-5). Rubem Alves descreve, então, como a doutrina do "pecado original" salienta esta leitura sobre o princípio protestante: se a humanidade está alienada de Deus por conta do pecado, nada do que a realidade impõe pode ser aceito de forma acrítica, isto é, num mundo corrompido, tudo deve ser posto sob suspeita. O autor conclui sua leitura de Tillich afirmando que o espírito protestante seria "uma recusa de ajustar-se ao *status quo*, uma rebelião iconoclasta que nega obediência a qualquer ordem estabelecida" (ALVES, 2005a, p. 52). Deve-se ter em mente que, como Tillich, existe uma diferença entre o princípio e a era protestante: enquanto aquele é algo universal e a-histórico, esta é a manifestação histórica de uma religião.

Antes da conclusão desta leitura de como o protestantismo se enxerga, Alves cita as teses de Karl Holl, Emílio de Laveleye e Max Weber de maneira pontual e sintética. Estas são, respectivamente:

[...] A reforma significou uma ruptura radical com a ordem de coisas ligadas à civilização medieval e ao catolicismo e lançou as sementes donde iriam brotar as mais altas criações da nossa era.

[...] existe uma estreita conexão entre protestantismo e progresso e, inversamente, entre catolicismo e atraso. [...] Os protestantes são sempre mais instruídos e ricos.

[...] o espírito protestante é estruturalmente semelhante ao espírito do capitalismo e por isso mesmo adaptado a ele e adequado à sua expansão (ALVES, 2005a, p. 52-3).

O modo como o protestantismo lê sua história é nítido: ele é o pai da modernidade. Nítida também é a problemática aqui para Alves: "O problema é se, no seu desenvolvimento histórico, o protestantismo preservou sua visão inicial" (ALVES, 2005a, p. 52).

Modernidade monstruosa ou reavivamento medieval?

Se nesta primeira leitura Alves aponta para como o protestantismo vê a si mesmo, na segunda versa sobre como o catolicismo o interpreta. De forma bem concisa, o autor aponta as críticas de Novalis ao protestantismo e sobre como este assassinou a alma européia (ALVES, 2005a, p. 54-5). Tentando traduzir o que ele acredita ser uma hermenêutica católica da Reforma, Alves diz:

O espírito do protestantismo é o espírito da revolta contra todas as ordens institucionalizadas. A Reforma sacralizou a consciência e dessacralizou o mundo. [...] O sagrado é substituído pelo útil. [...] o mundo já não mais se presta como ponto de referência para as exigências religiosas da alma. Destituído de sua aura divina, dessacralizado e desencantado, resta o mundo como simples matéria prima para a atividade dos homens (ALVES, 2005a, p. 54-5).

Por fim, Rubem Alves resume a apresentação desta leitura dizendo que as principais causas da deformação de uma civilização ocidental encontram-se, para os católicos, no espírito protestante. Ele apresenta, na sequência, a terceira interpretação possível do protestantismo que vai contra o único consenso entre católicos e protestantes sobre a reforma, isto é, a estreita relação entre a Reforma, o fim da Idade Média e o início da Modernidade. Tratando, então, do "protestantismo como um reavivamento do espírito medieval" (ALVES, 2005a, p. 55-6), Alves cita Ernst Troeltsch como base desta hermenêutica:

Não se pode supor que o protestantismo tenha aberto o caminho para o mundo moderno. Ao contrário, ele parece ser, de princípio, e a despeito de todas as suas novas grandes ideias, um reavivamento e um reforço do ideal de uma civilização eclesiástica imposta pela autoridade (TROELTSCH, 2005a, p. 85).

O ponto fundamental a ser notado é que, de uma perspectiva histórica e teológica, o protestantismo foi, antes de tudo, uma simples modificação do catolicismo, na qual a formulação católica dos problemas foi mantida, enquanto uma resposta diferente lhes era oferecida (TROELTSCH, 1958, p. 59).

Liberdade ou capitalismo?

Dissertando sobre a última das quatro interpretações apontadas do protestantismo, Alves discute a relação do espírito protestante e da sociedade burocrática (ALVES, 2005a, p. 54-60). Apesar de já ter citado ambos, o autor se baseia nas peculiaridades das teses de Tillich e Weber sobre o protestantismo para construir esta interpretação. Começando por descrever o pensamento de Weber, Alves confirma o que já foi falado sobre *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo* (2014): há muitas afinidades entre o espírito do protestantismo e o espírito da modernidade - aqui identificada com o capitalismo e com a racionalização do comportamento. Todavia, para Weber, esta modernidade não é representante da democracia e da liberdade de fato, mas da repressão. Assim, acolhendo a tese de Weber sobre a incompatibilidade da liberdade dentro dos processos industrial-capitalistas, rigidamente disciplinados pela produção, o protestantismo teria de escolher liberdade ou modernidade. "Na medida em que o espírito protestante se ajusta à ética de disciplina e ao ceticismo do sistema de produção capitalista, torna-se impossível continuar a manter os ideais individualistas, libertários e críticos que encontramos nos momentos iniciais da reforma" (ALVES, 2005a, p. 57). Desta forma, para Weber, apesar de atribuir a si a responsabilidade por encerrar uma era de repressão e inaugurar a modernidade libertária, o protestantismo falha em tentar conciliar liberdade e progresso capitalista.

Do mesmo modo, Tillich percebe que não há conciliação entre as duas partes: a liberdade pregada por Lutero aponta para algo que a modernidade não consegue cumprir, por isso constata que "a história do protestantismo tem sido uma constante traição ao 'princípio protestante'" (ALVES, 2005a, p. 59). Para Tillich, esta traição é perceptível a medida em que se olha para a inatividade protestante diante do que ele chama de "situação proletária". O individualismo protestante que potencialmente indicaria a liberdade do homem, serve então, segundo Alves, como "um mascaramento da situação de repressão e como uma justificação desta mesma situação" (ALVES, 2005a, p. 60). Desta forma Alves termina a descrição das quatro interpretações que ele considera possível sobre o protestantismo.

Rubem Alves entre as quatro leituras

Rubem Alves dá o próximo passo neste estudo comparando as quatro interpretações a fim de construir a sua própria interpretação, no caso, que revele o espírito protestante por trás do PRD. Desde o início ele já salientava suas intenções: "o objetivo de nossa exposição não é buscar no passado o modelo ideal para a interpretação do presente, mas simplesmente indicar quais as alternativas interpretativas que herdamos para, a partir daí, pensar a nossa própria solução" (ALVES, 2005a, p. 48). Dialogando, então, com as quatro interpretações, Alves tem quatro conclusões:

- a) Não se pode negar que o discurso do PRD, no seu nível consciente, articula os temas da liberdade de consciência, do livre exame, da democracia.
- b) Não se pode negar, ainda, que neste mesmo nível ele se apresente como a antítese do catolicismo e, portanto, do espírito medieval.
- c) Quando investigamos o seu nível não-articulado, seus "acordos silenciosos", descobrimos, entretanto, que ele apresenta notáveis semelhanças estruturais com o espírito medieval. Parece-me, portanto, que a tese de Troeltsch está correta.
- d) Ainda nesse mesmo nível descobrimos, especialmente quando examinamos o discurso ético, que o espírito protestante, por privilegiar as virtudes de conformidade a uma lei transcendente, tende a produzir uma atitude de conformidade para com as estruturas racionais e burocráticas. O protestantismo estabelece uma ética de funcionário. Weber e Tillich estão corretos (ALVES, 2005a, p. 61).

Assim, além das quatro conclusões, Rubem Alves tem um dilema: articulando estas colocações, há uma aparente contradição: o protestantismo afirmaria, então, tanto o espírito moderno quanto o medieval? O autor resolve esta questão afirmando que não há afinidade entre o protestantismo e o espírito de cada uma da época. Antes, para ele, há uma justaposição que o protestantismo realiza entre eles, isto é, encontra-se uma espécie de soma entre as noções medievais e modernas. Tal justaposição se dá quando a sociedade burocrática, moderna, torna-se valorizada e sacralizada por meio do discurso

ontológico da natureza, fenômeno medieval. Legitima-se, então, o progresso capitalista por meio de uma lógica de mundo medieval: "o meramente funcional é elevado à condição de verdade". Como complementação a este estudo reeditado em 1982 em *Dogmatismo e Tolerância*, Alves diz que "se o protestantismo se lembrasse de suas origens ele poderia descobrir ali o homem livre da lei, de Lutero e de Nietzsche, ao lado do funcionário civil servil" (ALVES, 2004, p. 99).

Crítica ao protestantismo brasileiro, crítica à modernidade

Mais adiante, na mesma obra, Rubem Alves analisará o tipo ideal⁷ do Protestantismo de Reta Doutrina (PRD), a versão brasileira do espírito protestante: apesar de afirmar que não se pode reduzir este tipo ideal a somente uma denominação, a descrição que Alves faz, além da análise de documentos, aproxima-se nitidamente do calvinismo presbiteriano - do qual o autor fez parte como pastor. Esta análise se faz importante para esta pesquisa porque, além de descrever um rosto brasileiro do protestantismo sobre o qual Alves reflete em muitas obras, dá indícios de que a crítica do autor não versa somente sobre o dogmatismo religioso, mas, sobretudo, diz respeito à epistemologia moderna que sustenta o fenômeno do PRD.

Um dos momentos chave em que esta dupla crítica se revela é quando, ao falar sobre a linguagem que envolve o PRD, Alves baseia-se na distinção entre signo e símbolo⁸ para descrever este grupo. Diz Alves que "o protestantismo não faz distinção entre uma linguagem de símbolos e uma linguagem de signos [...] ele reduz os símbolos a signos [...]. [Assim] a linguagem da revelação e a linguagem da ciência têm uma mesma função: dizer como as coisas são" (ALVES, 2005a, p. 144-145).

Esta complexa colocação de Alves deve ser pormenorizada para que suas nuances sejam percebidas em completude. A diferença básica entre símbolos e signos, considerando que Alves segue o pensamento de Tillich, é a chave fundamental para o entendimento desta tese do autor (TILLICH, 2009, p. 97-111). Para Tillich, "A diferença, então, entre símbolo e sinal é a participação na realidade simbolizada que caracteriza o

⁷Aqui é clara a influência de Weber que também analisará sociologicamente um tipo ideal em *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (2014).

⁸O autor o faz numa releitura de *Teologia da cultura* (2009) de Tillich.

primeiro, e a não-participação, que caracteriza o segundo" (TILLICH, 2009, p. 98-99). Portanto, falar em símbolo, desde sua etimologia no grego, significa falar de duas coisas separadas com uma relação única: atribui-se sentido a uma delas, sabendo que o sentido é dado, socialmente estabelecido, remetendo à outra coisa, normalmente maior. Um exemplo: um farol vermelho nada significa em si, a não ser um farol vermelho. Todavia, quando é estabelecida uma ligação simbólica com a ordem "pare!", o farol vermelho ganha outra significação. Neste sentido, o farol passou a ser símbolo para "pare!".

Em contraposição, na leitura de Rubem Alves, o signo/sinal não possui valor externo a si, isto é, não está separado de sua real significação. Deste modo, o signo não remete à coisa exterior alguma: tudo o que precisa ser dito pelo signo é encontrado no próprio signo. Uma seta pode ser, neste sentido, um ótimo exemplo de signo. A seta, em si mesma, aponta para uma direção. Tudo o que a seta remete, direção, já está contida nela mesma: a seta é, em si, a sua própria função, a saber, o apontar. Assim, o signo é caracterizado por uma presença última que nela mesma já é tudo o que poderia ser.

Ao afirmar, portanto, que o PRD não distingue entre signos e símbolos, Rubem Alves tece uma feroz crítica ao protestantismo no Brasil: ele toma por presença o que é ausência. Esta pode ser determinada como uma chave para entender o pensamento de Alves, para quem o "discurso religioso fala do ausente" (ALVES, 1999, p. 166.). Se a religião fala sempre de algo ausente, sua linguagem é permeada por símbolos que sempre remetem a algo outro. Por isso, por exemplo, Haight afirma que Jesus é símbolo de Deus (HAIGHT, 2003.): presença que remete a outro ausente. A religião, em Rubem Alves, é sempre a afirmação da presença de uma ausência.

Para Rubem Alves, a origem do comportamento dogmático-fundamentalista do PRD e, em certa medida, do espírito protestante é essa falta de distinção entre signo e símbolo. Desta forma, o conhecimento que os protestantes constroem, a partir da Bíblia, é percebido na configuração de signo, isto é, é reconhecido como presença total em si. Neste sentido, afirma Alves: "sendo o seu [dos protestantes] conhecimento revelado, absoluto, infalível além de qualquer dúvida, tudo aquilo que a vida possa apresentar como questionamento e como crítica do seu conhecimento é, a priori, declarado como falso" (ALVES, 2005, p. 149).

Esta afirmação tem sua profundidade ao sugerir que o tradicional impasse entre protestantismo e cultura no Brasil se dá por esta leitura de revelação e, consequentemen-

te, pela má distinção de âmbitos acima explicitada. Isto significa que o posicionamento reacionário à qualquer novidade vai além de questionamento e crítica do conhecimento protestante, ele se coloca também à qualquer possibilidade de modo de vida diferente do seu. Portanto, o outro diferente do protestante é sempre marginalizado com a mesma estrutura de discurso. Este, pressupondo o próprio, seja o que for, como signo, afirma que o outro é sempre incorreto ou, no mínimo, desnecessário, visto que tudo que lhe é importante já está presente.

Neste ponto, pode-se concluir que, para Rubem Alves, é uma presença ou uma ausência da presença que determinam o modo como o protestante se comporta. Quando lhe é pressuposto o símbolo, a ausência, toda estrutura de pensamento e, conseqüentemente, de comportamento está afetada e determinada por uma espécie de cosmovisão metafórica, que respeita e considera o que for como metáfora, isto é, como algo que, sendo, não o é por inteiro. Suas verdades são esvaziadas de poder, visto que remetem a uma verdade outra que não está presente, mas que aparece-lhe sempre como falta: saudade, fome, abismo etc.. A boa distinção entre signos e símbolos levaria, por fim, a uma ideia metafórica de revelação⁹ - que não serviria de base para o comportamento dogmático-fundamentalista.

Considerações finais

Pode-se perceber, então, que as contribuições de Rubem Alves para o entendimento do que seja o protestantismo e, mais especificamente, o protestantismo brasileiro, são importantíssimas. Primeiramente, elas são interessantes por dialogarem com grandes autores fazendo-os debater sobre os possíveis significados do protestantismo como fenômeno histórico no seio da modernidade. Posteriormente, o autor levanta a discussão sobre a relação entre o protestantismo enquanto princípio e o protestantismo enquanto fenômeno, no sentido de apontar como o discurso de liberdade permaneceu somente como discurso enquanto que as comunidades protestantes reproduziam a prática inquisitória medieval. Por fim, há a análise do protestantismo brasileiro enquanto reprodutor também destas práticas. Todavia, esta análise não permanece no campo empírico, mas

⁹Sobre uma interpretação metafórica do conceito de revelação, ver ROCHA, Alessandro Rodrigues . *Experiência e discernimento*. Recepção da Palavra numa cultura pós-moderna. (2010).

se aprofunda ao tratar das bases do pensamento protestante brasileiro em relação à epistemologia moderna.

Neste sentido, Alves contribui para as pesquisas de protestantismo ao re-unir estas duas faces que, desde Weber, já eram correspondentes: protestantismo e modernidade. Entretanto, se antes esta relação se dava na afirmação da liberdade do indivíduo frente ao coletivo coercitivo, Rubem Alves demonstra como os aspectos estritamente violentos da modernidade, como a univocidade de pensamento científico, estão presentes no pensamento e na prática protestante brasileira, por exemplo na postura dogmático-fundamentalista. Com isto, não é exagerado dizer que o protestantismo brasileiro, na análise de Alves, reproduz a mesma lógica científica que o condena. Deste modo, os atuais "inimigos do protestantismo", como a ciência, não são mais do que outras faces da mesma moeda em que o protestantismo escolheu se mover.

Referências bibliográficas

ALVES, Rubem. *Dogmatismo e Tolerância*. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. *O enigma da religião*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.

_____. *Da Esperança*. Campinas, SP: Papirus, 1987.

_____. *A gestação do futuro*. Campinas, SP: Papirus, 1986.

_____. *Religião e Repressão*. São Paulo: Loyola, 2005a.

_____. *O suspiro dos oprimidos*. São Paulo: Paulus, 1999.

_____. *Variações sobre a vida e a morte - ou o feitiço erótico-herético da teologia*. São Paulo: Loyola, 2005b.

HAIGHT, Roger. *Jesus, símbolo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003.

NUNES, Antônio Vidal. Etapas do itinerário reflexivo de Rubem Alves: a dança dos símbolos. In: NUNES, A. V. (org.). *O que eles pensam de Rubem Alves e de seu humanismo na religião, na educação e na poesia*. São Paulo: Paulus, 2007. p. 11-52.

ROCHA, Alessandro Rodrigues. *Experiência e discernimento*. Recepção da Palavra numa cultura pós-moderna. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

TILLICH, Paul. *Teologia da cultura*. São Paulo: Fonte editorial, 2009.

_____. *The Protestant Era*, 1962. In: ALVES, R. *Religião e Repressão*. São Paulo: Loyola, 2005a.

TROELTSCH, Ernst. *Protestantism and Progress*, 1958. In: ALVES, R. *Religião e Repressão*. São Paulo: Loyola, 2005a.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das letras, 2014.